

**NAS TRAMAS DO AUTOR
A CONSOLIDAÇÃO DO ROMANCE INDIANISTA
DE JOSÉ DE ALENCAR**

Maria da Luz Alves Pereira (UPM)

daluz_alves@hotmail.com

Londina da Cunha Pereira de Almeida (UPM)

londinacpa@hotmail.com

RESUMO

O romance *Iracema* – lenda do Ceará, de José de Alencar (1829-77), publicado em 1865, faz parte da trilogia indianista do autor, ao lado de *O guarani* (1857) e *Ubirajara* (1874). A lenda do Ceará, retratando a terra natal de seu autor, é considerado por muitos críticos e historiadores como um poema em prosa ou um romance histórico-indianista pela sua linguagem e estética formal. É um clássico da literatura brasileira ao propiciar o encontro da natureza (*Iracema*) e da civilização (Martim) e a valorização da cor local, do típico, do exótico, inscrevendo uma intenção nacionalista em pleno século XIX. Em face do exposto, este ensaio tem por objetivo discutir o sistema literário em *Iracema* a partir da tríade autor-obra-leitor, proposta por Antonio Candido, como também algumas das mediações do referido sistema, observando a relevância desses elementos para compreender como uma obra literária se consolida, visto que ela não existe por si mesma. O estudo abarca a trajetória dessa obra desde o seu lançamento até o século XXI, tomando como amostra três edições de cada período. Esse *corpus*, apesar de reduzido, é representativo, pois atende à proposta desta pesquisa de pequeno fôlego a qual visa mostrar os vários olhares sobre o romance alencariano. Como referencial teórico, nos valem das reflexões de Antonio Candido, em *Formação da Literatura Brasileira*, e dos apontamentos do próprio José de Alencar no ensaio “Como e Porque Sou Romancista”.

Palavras-chave: José de Alencar. Lenda nacional. Projeto literário.

1. Introdução

Este ensaio elege *Iracema* – lenda do Ceará,¹⁹ de José de Alencar (1829-1877), um clássico da literatura brasileira, como objeto de estudo. O objetivo é discutir o sistema literário a partir da tríade autor-obra-leitor, proposta por Antonio Candido, e algumas de suas mediações, observando a relevância desses elementos para a consolidação do romance no cânone literário universal.

O estudo passa pela discussão da trajetória dessa obra nos séculos XIX, XX e XXI, tomando como amostra três edições de cada período: 1865, 1870 e 1878 (séc. XIX); 1948, 1951 e 1965 (séc. XX); 2006 e duas de 2008 (séc. XXI). Esse *corpus*, apesar de reduzido, é representativo, pois atende à proposta desta pesquisa de curta dimensão que visa mostrar os vários olhares sobre o romance alencariano.

O sistema literário é uma constituição orgânica e viva, porque se sustém da interação dinâmica entre os elementos que o constituem, formando, assim, a tradição. Para além da tríade básica autor-obra-público, outros elementos participam desse sistema, como editor, suporte e instituição, por exemplo. Essas mediações são relevantes para compreender como uma obra literária se consolida, visto que ela não é “algo incondicionado, que existe em si e por si, agindo sobre nós graças a uma força própria que dispensa explicações”. (CANDIDO, 2006, p. 83)

Quando *Iracema* foi editada, Alencar já era escritor renomado, pois publicara inúmeras peças teatrais e romances, dentre eles *O Guarani*, lançado em 1857, que alcançou grande sucesso com o público. Estava já estabelecido o tripé básico do sistema literário: a) um produtor literário consciente de seu

¹⁹ Para efeito de simplificação, deste ponto em diante, usaremos apenas o título *Iracema*, quando nos referirmos à obra *Iracema* - Lenda do Ceará.

papel como escritor; b) um público receptor e c) a obra, a qual recebeu tanto críticas como elogios de escritores renomados da época.

2. Desenvolvimento

Para compreendermos por que essa obra está sendo continuamente reeditada, analisamos, ainda que brevemente, como alguns mediadores do sistema literário têm se organizado ao longo do tempo em relação a ela. A primeira parte aborda a tríade autor-editor-recepção, enfocando a preocupação de Alencar como editor, mediando obra e público; a segunda recai sobre a tríade obra-editor-recepção, focando em algumas edições, particularmente na edição do centenário, produzida pela editora José Olympio; a terceira examina a tríade obra-texto-recepção, focando diferentes gêneros, com três versões: um quadrinho, uma dramaturgia e uma releitura da obra (romance).

2.1. Iracema no século XIX

Iracema foi publicada, pela primeira vez, no ano de 1865,²⁰ provavelmente no mês de setembro, uma vez que o *Jornal do Commercio* (**Anexo 1**) noticia o seu aparecimento em 26 de setembro do referido ano, em sua edição número 267. O volume foi impresso pela Tipografia de Viana & Filhos, situada na rua da Ajuda, nº 79, ao pé do Morro do Castelo. O romancista assina a obra abreviando seu prenome, grafando, como de costume, J. de Alencar. Em “Como e Porque sou Romancista”, (ALENCAR, 1893, p. 7-56), o autor observa que “para publicar *Iracema* fui obrigado a editá-lo por minha

²⁰ Todas as informações das seções 2.1 e 2.2 foram retiradas da edição do centenário (1965). Em caso de exceção, que será feita a devida referência.

conta; e não andei mal inspirado, pois antes de dois anos a edição extinguiu-se” (*Idem*, p. 54). Supostamente, esta é a primeira edição do livro (**Anexo 2, Fig. 1**), pois Alencar não faz qualquer menção a uma publicação anterior.

A partir dessa primeira edição, Alencar acompanha, ainda, mais duas, sempre demonstrando um temor em não ser compreendido. “No prólogo”, que aparece já na primeira edição, sutilmente expressa sua preocupação com a recepção de *Iracema* pelo público, quando diz que talvez devesse antecipar justificativas “para prevenir a surpresa de alguns e responder às observações e reparos de outros”(ALENCAR, 1965, p. 46)

Alencar não só traz ao leitor uma narrativa com elementos do século XVI, representados pelo encontro do homem branco com o selvagem e da civilização com a natureza, construindo a lenda de fundação do povo brasileiro, como também traz uma proposta literária que dê respaldo ao romance. Esse projeto é estruturado do seguinte modo: um texto narrativo, acompanhado de paratextos tais como: “Prólogo”, “Notas”, “Carta ao Dr. Jaguaribe” e “Pós-escrito”, o qual foi inserido a partir da segunda edição.

É estratégia dessa proposta, a utilização de alguns elementos para dar verossimilhança ao romance. São eles: o “Prólogo”, que se constitui de uma mensagem para um amigo, informando-o que por serem conterrâneos, está lhe enviando a obra; o subtítulo “Lenda do Ceará”; a dedicatória “À terra natal – um filho ausente” e a observação de que “O livro é cearense. Foi imaginado aí, na limpidez desse céu de cristalino azul [...]” (p. 45-46). Ao dirigir-se ao amigo, o autor quer atingir o leitor em geral, induzindo-o a como ler o livro, a compreendê-lo e a compartilhar desse projeto literário.

As “Notas” aparecem ao final da narrativa, com o mesmo tipo de fonte do corpo do texto, com realces gráficos em grifos. Observa-se a partir desse detalhe a importância desse

recurso para a obra. Elas expõem o sentido das palavras indígenas e dão informações históricas e geográficas ao leitor. Sem as “Notas”, o texto perde em inteligibilidade, pois elas proporcionam a compreensão da história.

Na “Carta ao Dr. Jaguaribe”, ao final do romance, quando explica a gênese e a proposta literária de *Iracema*, Alencar questiona se todo o labor na construção do romance seria reconhecido pelo público, demonstrado em “todo esse ímprobo trabalho que às vezes custava uma só palavra, me seria levado à conta? [...] A imagem ou pensamento com tanta fadiga esmerilhados, seriam apreciados em seu justo valor, pela maioria dos leitores?” (ALENCAR, 1965, p. 141-142). Para não “correr o risco de não ser entendido, e quando entendido não apreciado” (*Idem*, p. 142), ele coloca a obra como “um ensaio ou antes mostra” (*Idem*, p. 142), o que sugere uma estratégia do autor para com o público, como se antecipadamente se desculpasse pelos defeitos da obra, da qual reconhece alguns, prometendo repará-los para uma eventual segunda edição.

Essas informações, de acordo com Paulo Franchetti (2010), na “Apresentação” da terceira edição de *Iracema*, pela Ateliê Editorial, apontam uma singularidade dessa obra alencariana, que é a presença de um guia, que se identifica como autor do livro e está presente em todos os pontos dele. Ele acrescenta que alguns críticos viram essa intromissão do autor como um demérito da obra, entretanto declara que “o *livro* de Alencar não se reduz à parte narrativa: ele é, desde o começo, não uma novela precedida de um prólogo e de um posfácio, mas uma novela envolvida por uma carta e semeada de notas” (FRANCHETTI, 2010, p. 18). Ou seja, o romance deve ser visto como um conjunto de textos concebido para funcionar como um todo, realizando um programa literário cujo objetivo é apresentar uma literatura genuinamente nacional.

Para nós, particularmente, é notável essa preocupação do autor, que vai além de apresentar uma história ao público. Alencar gerencia cada etapa de sua obra: primeiramente como escritor, depois como editor, e também como divulgador da obra, prometendo ao leitor “surpresa” (ALENCAR, 1965, p. 46) na leitura, bem como “responder às observações ou reparos de outros” (*Idem*, p. 46).

Franchetti (2010) faz outra observação relevante quanto à materialidade do livro, atraindo a nossa atenção para a diferença de datas entre a primeira correspondência, o “Prólogo” – maio de 1865 – e a segunda, a “Carta” – agosto de 1865. Esse distanciamento temporal corresponde ao período de composição gráfica do livro, a partir do momento em que o autor faz uma apresentação do romance até sua realização física, e representa o período de revisão e maturação da obra. Isso demonstra que Alencar foi um escritor cômico de seu papel em fundar uma literatura nacional. Soube, assim, manipular todos esses elementos do sistema literário a favor de o seu projeto.

A primeira edição de *Iracema* se esgota em dois anos e, em 1870, é publicada a segunda edição (**Anexo 2, Fig. 2**), por outra editora, a B. L. Garnier. Período em que a França exercia forte influência cultural sobre o Brasil, a Garnier tinha extrema importância para a cultura livresca do país, pois era uma das responsáveis em fornecer livros importados para uma pequena parcela rica e culta da elite. Daí que podemos deduzir que *Iracema* tenha se revestido de valor editorial logo na primeira publicação, atraindo a atenção da editora, ainda que não tivesse alcançado na época o estrondoso sucesso de público que obtive *O Guarani*.

Alencar, um autor dedicado, faz alterações na primeira edição de *Iracema* para as publicações seguintes, visando atender as expectativas do público. A primeira edição foi pacientemente reescrita, de modo que, na segunda, quase todo o livro sofreu modificações, tanto no texto, como nas “Notas”. As

correções incluíam simples alterações de pontuação, substituições de palavras, inversões da ordem das palavras na oração, cortes de artigos definidos antes de possessivos e até alterações substanciais na redação dos parágrafos, como supressão de orações inteiras e inversão da ordem de parágrafos. Junto a essa edição, aparece um novo paratexto, o “Pós-escrito”.

O “Pós-escrito” surge da necessidade do autor de dar respostas às recensões negativas feitas ao romance, visto que na época as questões relacionadas ao trabalho da linguagem ocupavam o centro do interesse na recepção da crítica literária. Dentre os julgamentos feitos, ele responde ao de Pinheiro Chagas (ALENCAR, 1965, p. 198-199), que o acusa de falta de correção na linguagem e de se desviar, por meio de neologismos arrojados e insubordinações gramaticais, do português lusitano, e ao de Antônio Henriques Leal (*Idem*, p. 208), que de forma mais acirrada o julga de descuidado quanto ao uso da linguagem e do estilo. Dada a resposta de Alencar, Leal fará a tréplica e Alencar se ocupará dessa polêmica. Essas discussões, sendo mediações do sistema literário, fomentam o processo de recriação da obra, colocando-a em movimento.

A terceira edição (**Anexo 2, Fig. 3**) sofreu pequenas alterações feitas pelo autor. Foi publicada postumamente no ano de 1878, pela B. L. Garnier. Há diferenças entre a segunda e a terceira edição, não tão acentuadas e numerosas quanto entre a primeira e a segunda. Essas mudanças sugerem o cuidado de Alencar no processo de produção de sua criação, ajustando-a melhor ao seu pensamento. Temos, portanto, três edições revisadas pelo próprio autor, mediando a interação entre obra e leitor.

2.2. Iracema no século XX

Em 1948, surge a primeira edição oficial de *Iracema*, organizada e lançada pelo Instituto Nacional do Livro. Obser-

va-se aqui o reconhecimento, por parte do Governo, do valor literário da obra *Iracema*. A instituição governamental (Imprensa Nacional) agindo como um importante mediador no sistema literário para a divulgação e manutenção da obra, movimentou o mercado editorial e facilitou a circulação.

Em 1951, a editora José Olympio prepara um plano editorial no qual consta a publicação de um volume que reúne dois romances indianistas do autor: *Iracema – lenda do Ceará* e *Ubirajara – lenda tupi*. Ainda como estratégia editorial, aparece um estudo de Machado de Assis e um prefácio feito por Rachel de Queiroz. Compreendemos, então, que a crítica, como mediadora do sistema literário, legitima o valor da obra, conforme reiteramos com as palavras de Candido (1997) de que ela “sairá afinal o juízo, que não é julgamento puro e simples, mas avaliação – reconhecimento e definição de valor” (CANDIDO, 1997, p. 31).

A edição comemorativa do centenário da obra *Iracema* (**Anexo 3 – Fig. 4**), publicada em 1965, pela editora José Olympio, elege a terceira edição revisada pelo próprio Alencar como texto básico, desprezando algumas inferências de edições anteriores como a de 1948 e 1951, prezando pelo respeito ao pensamento do autor e às peculiaridades do seu processo literário. Por essa edição ter muitas informações, optamos por dividi-la, para efeito desse estudo, em quatro partes.

A primeira parte se inicia com uma versão fac-similar do *Jornal do Commercio* (**Anexo 1**) noticiando o aparecimento do romance *Iracema*. Aparece o frontispício das três primeiras edições (**Anexo 2**), um poema de Manuel Bandeira, intitulado “Louvado do Centenário de Iracema” (**Anexo 3, Fig. 5**). Há duas notas: a “Nota da Editora” enfatiza que a organização dessa edição traz, além do texto crítico do romance, documentos que possibilitam aos estudiosos um melhor julgamento da carreira de *Iracema*, e a “Nota do Organizador”, assinada por M. Cavalcanti Proença, enfatiza que o objetivo da edição é

traçar um panorama geral que traduza a caminhada da existência da obra ao longo da existência de cem anos. Colhida da edição de 1951, há a “Introdução Biográfica”, assinada por Brito Broca. Para realçar o alcance da obra, traz o frontispício da tradução francesa, editada em 1928, pela editora Librairie Gedalge e o fac-símile de uma página da tradução espanhola, por Felix E. Etchegoyen.

A segunda parte, intitulada “O Romance”, começa com uma “Introdução crítico-filológica”, por M. Cavalcanti Proença na qual há um cotejo de cinco diferentes edições com intuito de trazer o tratamento gráfico editorial que cada uma delas recebeu. Na sequência, está o romance, que compreende o “Prefácio”, “Narrativa”, “Carta ao Dr. Jaguaribe”, “Notas” e “Pós-escrito”.

A terceira parte, nomeada “Iracema e os contemporâneos”, reúne a crítica pró e contra o romance, quando de seu lançamento, e um artigo de José de Alencar, no qual ele retoma questões de linguagem e estilo, algumas já discutidas no “Pós-escrito”. Desses artigos, ressaltamos o de Machado de Assis (1965a, p. 185),²¹ por ele fazer uma dura crítica a alguns elementos do sistema literário. Para ele, o país, na época, era carente de boas obras por três motivos: o modo de produção e impressão era caro e pouco lucrativo; havia um círculo limitado de leitores; o movimento intelectual no país era escasso por conta de os escritores terem de enfrentar esses problemas e se sentirem desmotivados. Nesse cenário, Machado enaltece o talento de Alencar por perseverar e vencer essas dificuldades a despeito da indiferença pública.

Na quarta parte, “Atualidade de Iracema”, são agrupados ensaios críticos das décadas de 1950 e 1960, representados por Rachel de Queiroz, Augusto Meyer, Agripino Grieco, José

²¹ Este artigo foi originariamente publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 09 de janeiro de 1866.

Aderaldo Castelo e M. Cavalcanti Proença. Acrescenta-se, ainda, um longo estudo sobre características vernáculas da linguagem de Alencar, por Cândido Jucá (filho). Dessas críticas, chama a atenção a de Rachel de Queiroz (1965, p. 251),²² pois reconhece que não há como negar a imortalidade dos tipos criados por José de Alencar, dentre eles *Iracema*. Esse ponto de vista é reiterado na seção seguinte.

2.3. *Iracema* no século XXI

Passados cento e quarenta e oito anos, *Iracema* continua viva no imaginário popular, dado o fato de que existe um grande número de edições da obra no Brasil, como também no exterior. Em levantamento feito por Plínio Doyle (ALENCAR, 1965, p. 405-406) para a comemoração do centenário da obra, foram registradas 106 edições do romance, além de ser retomado em novos formatos, como versões em braile, em quadrinho e em cordel. Dessa época até os dias atuais, elevou-se não somente o número de publicações como também a diversidade de suportes e gêneros. Em face do exposto, apresentamos três obras que tomam *Iracema* como base para a criação de novos produtos literários: *Iracema em Quadrinhos*, *Iracema dos Lábios de Mel: O Musical* e *Iracema em Cena*.

Iracema em Quadrinhos (**Anexo 4**) é uma produção da editora Noovha América, publicada em 2008, como parte da coleção Clássicos da Literatura Brasileira em HQ. É uma “adaptação”²³ – anunciada na capa do livro – de Oscar

²² A edição do centenário informa que este texto de Raquel de Queiroz foi publicado na edição de 1951.

²³ Trabalhamos com o conceito de adaptação de Linda Hutcheon (2011), em *Uma teoria da adaptação*. A estudiosa canadense tem uma definição dupla de adaptação: vista como *processo* “sempre envolve tanto uma (re-)interpretação quanto uma (re-)criação” (p. 29); como *produto* “é uma transposição anunciada e extensiva de uma ou mais obra em particular” (p. 29).

D'Ambrósio e João Antônio Rodrigues Garcia (Jão), que também a ilustrou. Nesta versão, há a preocupação de resgatar o projeto original de Alencar. Para tanto, mantém todas as partes que constituem a obra: “Prólogo”, “Narrativa”, “Notas” (em forma de glossário) e “Carta ao Dr. Jaguaribe”, mesmo que de modo resumido.

A materialidade da obra nos leva a imaginar que ela está voltada para um público infantil ou infanto-juvenil, pois o volume se apresenta de modo diferenciado: em papel couchê, tamanho A4, com orelhas e capa colorida com o desenho de uma indiazinha saltitante, sob um fundo ensolarado. Na quarta capa, a imagem se repete, agora sob um fundo estrelado, com uma imensa lua cheia. Entretanto, na narrativa a linguagem formal do texto fonte é mantida, quebrando essa expectativa. Essa “adaptação” reproduz o texto de origem por meio da técnica de cortes, selecionando fragmentos essenciais do texto que são ilustrados, incluindo José de Alencar como personagem que anuncia o “Prólogo” e conclui com a “Carta ao Dr. Jaguaribe”.

O Governo do Estado do Ceará – Secretaria da Cultura, em 2011, publica *Iracema dos Lábios de Mel: O Musical* (Anexo 5). A peça surge como parte das comemorações do Centenário do Theatro José de Alencar, casa de espetáculo mais tradicional do Ceará. O objetivo do governo cearense com esse projeto é estimular uma política do livro que registre a produção artística e cultural do Estado. Curiosamente, de um compêndio de vinte títulos, *Iracema* é a única obra de Alencar contemplada na coleção Edições Theatro José de Alencar.

Peça de dramaturgia, assinada por Ilcleomar Nunes, é considerada uma “adaptação livre” de *Iracema*, conforme indicado na folha de rosto. José de Alencar é inserido como personagem-narrador e aparece no início e no final apenas recitando trechos da história. Há uma apropriação equivocada da obra, pois ela é utilizada como ponto de partida – com supres-

são de alguns fragmentos e diálogos – e não se reconhece a autoria da mesma.

Um aspecto notável são as várias passagens livremente adaptadas, que ganham arranjos musicais diferenciados, como o *rap*, por exemplo. Apesar de esse título ter caráter musical, essa pesquisa não tem registro preciso de que a peça tenha sido encenada.

Em 2008, a editora Ática lançou *Iracema em Cena* (**Anexo 6**), livro que faz parte da coleção “Descobrimos os Clássicos”. De autoria de Walcyr Carrasco, a obra pretende ser “uma leitura de *Iracema*, de José de Alencar”, conforme destacado na capa do livro. Escrita para ser um paradidático, tem uma linguagem simples e nasceu da necessidade de levar ao jovem de hoje uma leitura agradável dos clássicos da nossa literatura. Segundo informações dos editores, “o romance *Iracema* alçou voo, expandiu-se para outras formas de arte, ultrapassou a vida de seu autor e o contexto em que ele viveu. [...] chegou aos nossos dias, e ainda nos faz pensar na formação e nos contrastes do Brasil” (2008, p. 120).

A história é assim resumida. Adamo, o protagonista, sonha trabalhar com cinema. Certo dia, um diretor de cinema aparece na loja onde o jovem trabalha e esse lhe diz que gostaria de adaptar *Iracema*, de José de Alencar. Como a história apresenta índios e floretas, o diretor fica muito interessado na ideia, pois isso tornaria a minissérie propícia para a venda no exterior. Adamo é contratado, mesmo sendo um roteirista inexperiente. As filmagens começam e ele precisa fazer algumas alterações no roteiro, a pedido do diretor, fugindo do texto de origem, o que o deixa incomodado. Ele conhece Joana, a atriz que faz o papel principal e eles se apaixonam, retomando a fábula de *Iracema*.

Em todo processo de adaptação, verificam-se aproximações e distanciamentos da obra fonte. Nesse caso, *Iracema* de

Carrasco se aproxima de *Iracema* de Alencar, principalmente, pelo aproveitamento de alguns elementos do enredo: uma índia brasileira apaixona-se por um jovem português e tem um filho, fruto desse amor. O romance contemporâneo coloca em primeiro plano a história de Adamo e, em segundo, a história da índia Iracema. Entretanto, nota-se a presença da obra *Iracema* por meio do recurso de pôr em cena algumas poucas citações, que dão realce à narrativa alencariana.

Iracema em Cena é marcada por supressões e acréscimos de alguns personagens e episódios. A protagonista, por exemplo, não morre ao final da trama, pois segundo o personagem-diretor, o público gosta de final feliz e ficaria frustrado com a morte da heroína. Os maiores deslocamentos ficam por conta da linguagem simples, diferenciada da elaborada do texto fonte, e do contraste entre a imagem que Alencar retrata dos indígenas e a apresentada por Carrasco.

As alterações verificadas nas três obras acontecem devido a mudanças do contexto sócio-histórico-cultural que refletem na cosmovisão dos autores dos textos reescritos. Esses aspectos não interferem no valor literário dos textos atuais por nós os considerarmos uma “nova” obra. Ao recorrerem à história alencariana e se utilizarem do texto-fonte como ponto de partida para a criação de outros textos, os novos títulos ressocializam o romance oitocentista e o tornam vivo para o público das mais diversas idades na atualidade.

3. Considerações finais

A discussão levantada nesse ensaio mostra que *Iracema* continua ativa no mercado editorial, tanto em sua forma tradicional como em outros gêneros. Esses elementos são a prova concreta de que o sistema literário é um organismo vivo, em que a tríade básica autor-obra-público é constantemente nutrida por subsistemas como editor, suporte material, epitextos,

paratextos, textos etc., que, articulados, instituem uma tradição. É imprescindível notar que alguns desses elementos, inseridos num contexto sócio-histórico-cultural, tomam uma forma que melhor os moldam ao momento, apresentando uma configuração que atrai o leitor.

Alencar propiciou contribuição inegável à formação de uma literatura genuinamente brasileira e, por isso, Candido (1997) afirma que “a sua arte literária é, portanto, mais consciente e armada do que suporíamos à primeira vista” (CANDIDO, 1997, p. 211). Ainda que enfrentando circunstâncias adversas, Alencar soube manejar com habilidade o sistema literário, atuando ao mesmo tempo como escritor, editor e divulgador de sua obra. Usou a crítica para manter a chama de suas produções acesa e, após sua morte, constatamos que o seu labor rendeu e continua rendendo frutos, como previu Machado de Assis (1965b, p. 193)²⁴ ao falar de *Iracema*: “Há de viver este livro, tem em si as forças que resistem ao tempo, e dão plena fiança do futuro”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Iracema*: Lenda do Ceará. Edição do centenário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

_____. *Iracema*: Lenda do Ceará. São Paulo: Ateliê, 2006.

_____. *Iracema*. São Paulo: Noovha América, 2008.

_____. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1893, p. 54. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00176100#page/7/mode/1up>>. Acesso em: 17-11-2013.

²⁴ Este artigo foi originariamente publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 23 de janeiro de 1866.

CÂNDIDO, Antônio. O escritor e o público. In: _____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 83-99.

_____. *Formação da literatura brasileira*. 8. ed. São Paulo: Itatiaia, 1997, vol. 1.

CARRASCO, Walcyr. *Iracema em cena*. São Paulo: Ática, 2008.

FRANCHETTI, Paulo. Apresentação. In: ALENCAR, José de. *Iracema: Lenda do Ceará*. Cotia: Ateliê, 2006.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Trad.: André Cechinel. Florianópolis: UFSC, 2011.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Iracema*. In: ALENCAR, José de. *Iracema: Lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965a, p. 188-193.

_____. *Iracema*. In: ALENCAR, José de. *Iracema: Lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965b, p. 188-193.

NUNES, Ilclemar. *Iracema dos lábios de mel: o musical*. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

QUEIROZ, Raquel. José de Alencar. In: ALENCAR, José de. *Iracema: Lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. 194-200.

ANEXOS

Anexo 1



Fac-símile da página do *Jornal do Commercio*

Anexo 2



Fig. 1: frontispício da 1ª edição



Fig. 2: frontispício da 2ª edição



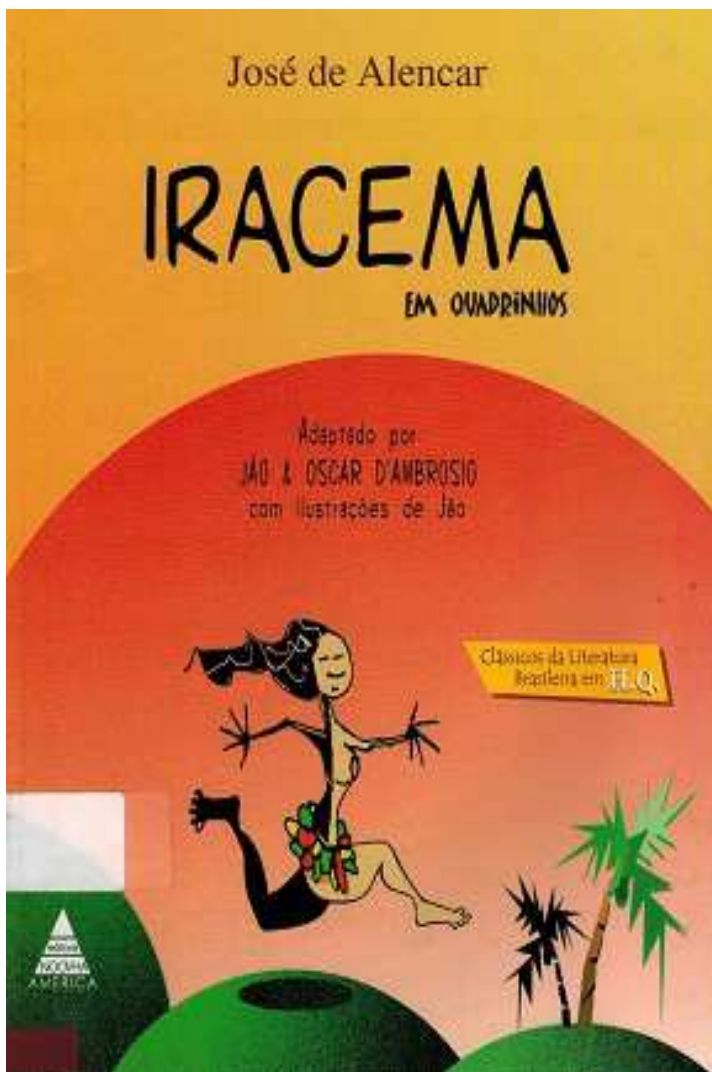
Fig. 3: frontispício da 3ª edição

Anexo 3



Fig. 4: capa da edição do centenário Fig. 5: poema “Louvado do centenário de *Iracema*”

Anexo 4



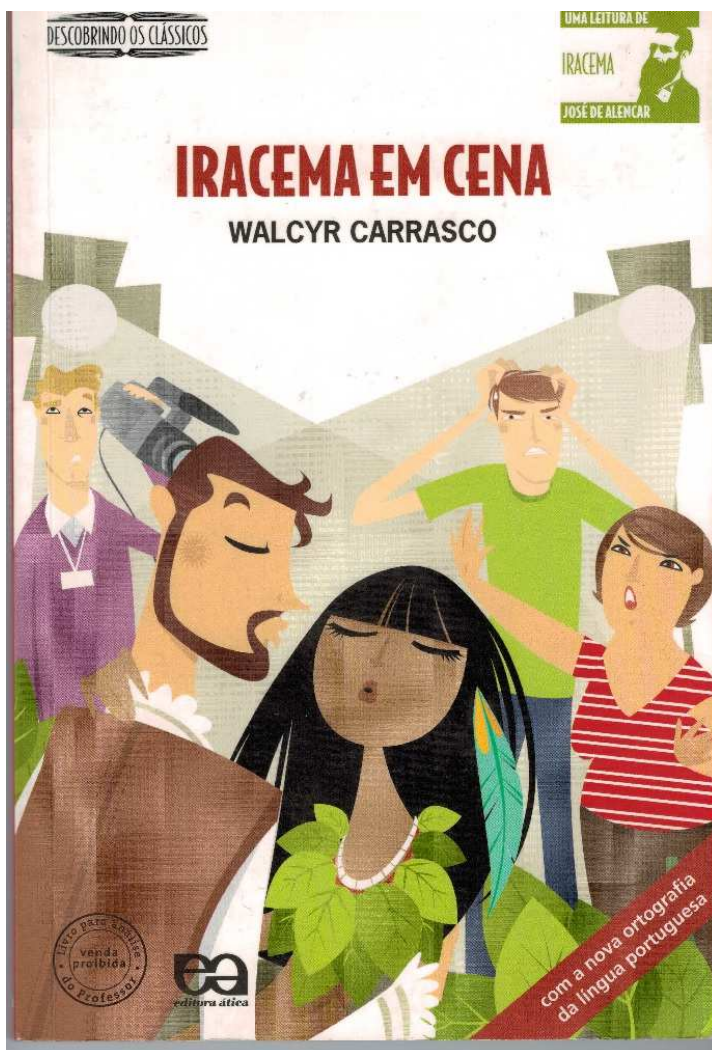
Capa de *Iracema em quadrinhos*

Anexo 5



Capa de *Iracema dos lábios de mel: o musical*

Anexo 6



Capa de *Iracema em cena*